
AS DEFINIÇÕES METAFÓRICAS NA ORALIDADE

Angela DIONISIO (Universidade Federal de Pernambuco)

ABSTRACT: This paper seeks to investigate one of many interactive strategies employed by speakers during face to face interactions: metaphorical definitions. The corpus analyzed consists of interviews and spontaneous conversations produced by non-literate speakers.

0. Introdução:

Construir um texto exige, a priori, um envolvimento do falante com o interlocutor e com o assunto abordado. A intercompreensão constitui, portanto, condição *sine qua non* para a consolidação do processo de interação que se desenvolve entre os interlocutores. Assegurar esta intercompreensão implica a utilização de *n* estratégias discursivas. O processo interlocutivo no qual se instaura a construção de sentidos, requer, como destaca Geraldini (1993:10), "o uso de recursos expressivos. (...) Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressões pronto, entendendo-se a língua como um código disponível, não haveria construção de sentidos (e por isso seriam desnecessários fenômenos lingüísticos empiricamente tão constantes como a paráfrase, as retomadas, delimitações de sentido, etc.); se a cada fala construíssemos um sistema de expressões, não haveria história. Por isso, aceitar a vagueza dos recursos expressivos usados não quer dizer que não exista sentido nenhum". Em interações face-a-face, a definição é uma das estratégias responsáveis pela construção de sentido.

"Definir é uma das contingências do cotidiano", lembra Garcia (1967:323). Na literatura de origem dicionarística, a definição consiste numa forma de explicar a inter-relação entre signos lingüísticos isolados e conceitos mentais. Ao destacar estas inter-relações, o emissor explica o sentido das *palavras*. Trata-se, neste caso, do sentido denotativo das palavras. Um outro nível significação de palavras é o conotativo. A conotação representa "uma espécie de emanção semântica, possível graças à faculdade de associação de idéias inerente ao espírito humano, faculdade que nos permite relacionar coisas análogas ou assemelhadas. Esse é, em essência, o traço característico do processo metafórico, pois toda metaforização é conotação (mas a recíproca não é verdadeira: nem toda conotação é metaforização)" (Garcia, 1967:163). Ocorre, nestes casos, a definição metafórica. Este tipo de definição constitui o objeto de estudo desta comunicação. Foram analisados 20 trechos de conversações formais (entrevistas) e informais (conversas espontâneas) que continham definições metafóricas. Os dados foram coletados na comunidade semi-isolada de Pedra D'água, predominantemente negra e analfabeta, no interior da Paraíba, numa perspectiva etnográfica. As transcrições obedecem às normas propostas por Marcuschi (1986). Em função dos objetivos deste trabalho, o **negrito** foi usado para identificar os **temas-título** e o *itálico* para identificar as *seqüências descritivas*. Tema-título é o termo empregado por Adam (1992) para identificar quem/o que vai ser ou acaba de ser a questão quer no início quer no final da seqüência descritiva.

1. Categorias metafóricas empregadas nas definições

A metáfora está sendo aqui enfocada como um processo cognitivo cuja presença é "constante nas nossas atitudes e, conseqüentemente, na nossa linguagem", visto que "o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido.

Metáforas como expressões de linguagem são possíveis precisamente porque há metáforas no sistema conceptual pessoal" (Lakoff e Johnson, 1980: 6). Zanotto (1995:243) ressalta que a principal contribuição dos estudos desenvolvidos nos últimos anos sobre a metáfora foi a "descoberta do seu valor cognitivo: ela não é mais considerada um simples ornamento lingüístico ou uma mera figura de linguagem, mas sim um processo cognitivo que tem um papel heurístico nas mudanças conceptuais (mas evidente no caso das metáforas novas)". A partir das três categorias de metáforas apresentadas por Lakoff e Johnson (1980), procurei classificar as definições metafóricas em (a) *estruturais*--aquelas que estruturam um conceito em termos de outro e são responsáveis pela estruturação de nosso sistema conceptual de maneira sistemática, (b) *orientacionais*-- aquelas que organizam todo um sistema de conceitos com relação a outro e que têm uma base em nossas experiências cultural e física e estão ligadas à orientação espacial: em cima/embaixo, dentro/fora, frente/atrás profundo/raso e (c) *ontológicas*--aquelas que transformam conceitos abstratos em entidades -coisas ou seres (animais ou humanos). É importante frisar que esta tipologia é temporária, uma vez que a análise dos dados ainda está numa fase incipiente.

Um conceito fortemente metaforizado na concepção dos moradores da comunidade em estudo é o

(04)

099. H03 mesma né? chove do mermo jeito... as vei
 100. até a chuva vai pá uns canto melhó...a seca
 101. são menas... tudo melhora... maisi o o produto
 102. foi embora se dexá na terra apudrece se
 103. acaba tudo lá ... como seja um: uma doença
 104. que deu na terra ... que aque:la batata num
 105. se cria ... aquilo apudrece na terra mermo ... a
 106. **terra dá a terra acaba**

Os valores fundamentais de uma dada cultura, destacam Lakoff e Johnson (1980), estão coerentes com a estrutura metafórica de muitas concepções fundamentais desta cultura, como por exemplo, **mais é melhor** é coerente com **mais é prosperidade**, já em **menos é melhor** é incoerente. Em nossa língua, as expressões pra cima, pra frente veiculam informações referentes a estados positivos, enquanto que prá baixo, prá trás, estados negativos. Observando os exemplos (02, (03) e (04), percebe-se como a relação entre os valores de uma comunidade agrícola e as construções metafóricas se estabelece com coerência. Nestes exemplos, são atribuídos à terra traços de seres vivos -- *a terra dá a terra acaba, a terra cansou, a terra apudreceu* -- caracterizando a metáfora ontológica. Nota-se que a terra possui um poder sobre o homem e que "o bem viver" dos agricultores depende basicamente das condições de produção da terra, pois se não há boas safras, não há, conseqüentemente, melhoria no poder aquisitivo destes agricultores: "*a terra cansou ... só vai pá trás*". Esta redução no poder

aquisitivo é revelada através da metáfora orientacional: a expressão adverbial de lugar --*pá trás*-- metaforicamente indica um tempo negativo, conservando os traços semânticos de espaço.

A inflação (carestia), em (01), é vista como um "monstro"-- *a carestia é monstra*. É caracterizada como uma metáfora estrutural, cujas conseqüências na vida dos informantes são demonstradas por meio de metáforas orientacionais-- "*a gente vai ... vai se acabano de mundo abaxo ... cada vei mai a gente vai deceno*". Nestas construções metafóricas, a presença dos verbos-- *vai se acabano, vai deceno*--, associados ao advérbio --*abaxo*-- serve de reforço para salientar o aumento da pobreza em que vivem os informantes. A agricultura é focalizada metaforicamente como uma entidade que impossibilita ao agricultor enfrentar a inflação que se instaurou na vida dos pedradaguenses: "*adicultura negano negano*".

Um outro tipo de construção metafórica da significação de termos, encontrado no corpus, revela-se sob a forma de metadiscurso. Adota-se, aqui, a noção de "metadiscurso", apresentada por Borillo (1985:49)-- "qualquer tipo de metalinguagem presente no discurso" e empregada por Jubran (1995), ao analisar as estruturas parentéticas. Iremos nos deter, a partir de agora, apenas na definição metafórica geradora de ação metadiscursiva.

2. A organização estrutural das definições metafóricas

Quanto à forma de operacionalização, as definições podem ser classificadas em:

(1) definição auto-iniciada: o falante que detém o turno define um tema-título em seu próprio enunciado, como se observa em (05):

(05)

15. H03 aqui é **agreste**
 16. P01 agreste?
 17. H03 agreste é ... *tem um cherim de catinga ...* e
 18. *um um cherim de brejo ...* é ((P01 sorrir))

(2) definição solicitada: um interlocutor solicita a explicação de um termo empregado no enunciado de outro, como em (06) e (07).

Quando ocorre este tipo de definição, verificamos duas formas de produção: (a) definições produzidas individualmente: o locutor, geralmente, que empregou o tema-título realiza a definição, como em (06):

(06)

266. H02 o coitado do pobre nas cidade? o que tem
 267. emprego... muito bem ainda dá prá i relando
 268. e quem não tem emprego? vão fazê **vão fazê**
 269. **é arte** ((rir)) vão fazê é vão ((rindo)) fazê arte
 270. P01 fazer arte? e o que é fazer arte? UI ((grita
 271. porque ia caindo do tamborete))
 272. P02 *você ia fazendo arte ((risos))*
 273. H02 *robá*
 274. P01 robá é fazer arte?

"**desencantada**", termo que passou a ser definido por dois locutores após a solicitação de P01. São focalizados aspectos diferentes por cada definidor: M02 salienta, numa relação sinonímica, a ausência de efeitos sobrenaturais "os povo arranca num tem assombração nenhuma", enquanto que M17, metaforicamente, indica a localização da botija na superfície da terra-- "*que tá na flô da terra*". Verifica-se que a produção coletiva da definição proporciona também níveis de significação diferenciados a um mesmo tema-título.

(2) uso de tema-título metaforizado seguido de explicação não metaforizada:

Foram encontrados, especialmente, temas-títulos em forma de lexias complexas (exemplos (06) (08)):

(08)

1118. M02 é mas isso tudo minha fiá... vô te contá a
 1119. **cor da vida é a cor da morte** *tudo que*
 1120. *a pessoa faz em cima deste mundo [às vei*
 1121. M04 [é
 1122. *num acha nem lugá mesmo fica*
 1123. *perambulando né? porque muitas coisa né*
 1124. *madrinha?[que fez porque fez muitas*
 1125. *coisa horrível*

(3) uso de tema-título não metaforizado seguido de explicação metaforizada:

Em (05), o locutor ao definir "**agreste**", seleciona propriedades físicas da região para caracterizar a zona geográfica na qual a comunidade em que vive está localizada. A construção da definição destaca a

localização medial do agreste entre a região do sertão (*tem um cherim de catinga*) e da mata (*e um um cherim de brejo ... é*). Em (09), o tema-título "**reprodutor**" recebe duas definições, ambas auto-iniciadas por locutores diferentes, que salientam aspectos culturais diferentes: a expressão "bode véio" empregada por M02 tanto pode ser considerada como o "macho da cabra selecionado para a reprodução"--o que revela um sentido denotativo--, como também "indivíduo libidinoso", uma vez que a expressão "bode velho" é comumente empregada, na zona rural nordestina, a homens idosos que mantêm (ou tentam) relações sexuais com inúmeras mulheres. E é considerando este segundo sentido, provavelmente implícito na expressão "bode velho", que P01 o denomina de "amante profissional".

(09)

257. M02 aí eu fiquei com o **reprodutor** *que é o bode*
 258. *véio* eu quem fiquei com ele
 259. P01 sim era isso que eu tava querendo saber
 260. como é tanta mulher cadê o
 homem?((risos))
 261.
 262. M02 aí eles me dero também uma cabra era
 263. muito velhinha... deu uma cria à força
 morreu...
 264. morreu a minha eu fiquei com o bode... ela
 265. disse "Jandira esse bode vai ficar na sua
 casa"
 266. aí as cabra que vem lá prá casa... prá cruzá
 os

267. pessoal paga dois cruzado... esses dois cruzado
268. da do projeto ninguém paga nada
269. P01 é da pessoa mermo que tira e paga dois
270. cruzados ?
271. M02 agora a do projeto indo pro bode num paga
272. nenhum tostão num sabe? a dos projeto
273. agora as de fora dois cruzado
274. P01 *amante profissional* ((risos))

De acordo com estas análises, podemos perceber que as definições metafóricas, nas formas estruturais, orientacionais ou ontológicas, podem funcionar (a) como argumentos--exemplos (01), (02), (03) e (04); (b) como explicações metadiscursivas--exemplos (05), (06), (07), (08) e (09). Obviamente, todos estes casos estão a serviço do sucesso interacional das conversações: cada falante se empenha em construir (e transmitir) da melhor forma possível o sentido da sua fala, ou seja, em se fazer compreender, enquanto seu interlocutor também colabora, buscando explicações do que lhe parece incompreensível ou de compreensão vaga ou incerta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. 1992. **Les Textes: types et prototypes.** France, Nathan.
- BEZERRA, M. A. 1990. *Tipos de definição de palavras em palavras cruzadas de nível "Fácil" e "Difícil".* **Alfa, 34:**101-113.
- BORILLO, A. (1985). Discours ou Metadiscours?. **DRLAV: 32.**

- GARCIA, O. M. (1967). **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas.
- GERALDI, J. W. (1993) **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes.
- JUBRAN, C.C. A. S. (1995) **Tipologia de Parênteses**. mimeo.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. 1980. **Metaphors we live by**. The University of Chicago Press, Chicago.
- MARCUSCHI, L. A. (1986). **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática.
- ZANOTO, M. S. (1995). *Metáfora, Cognição e Ensino de Leitura*. **D.E.L.TA. (11) 2.**